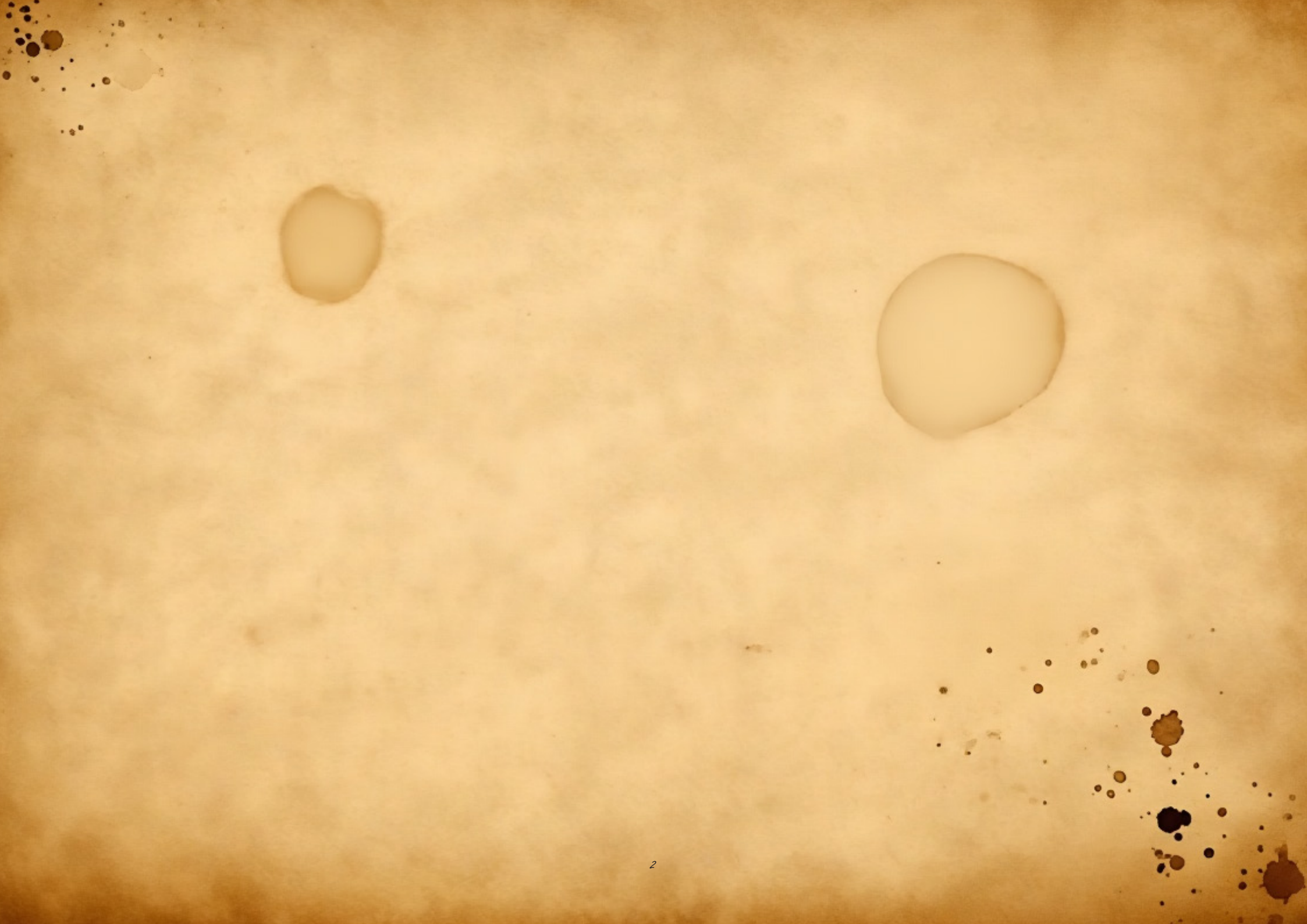


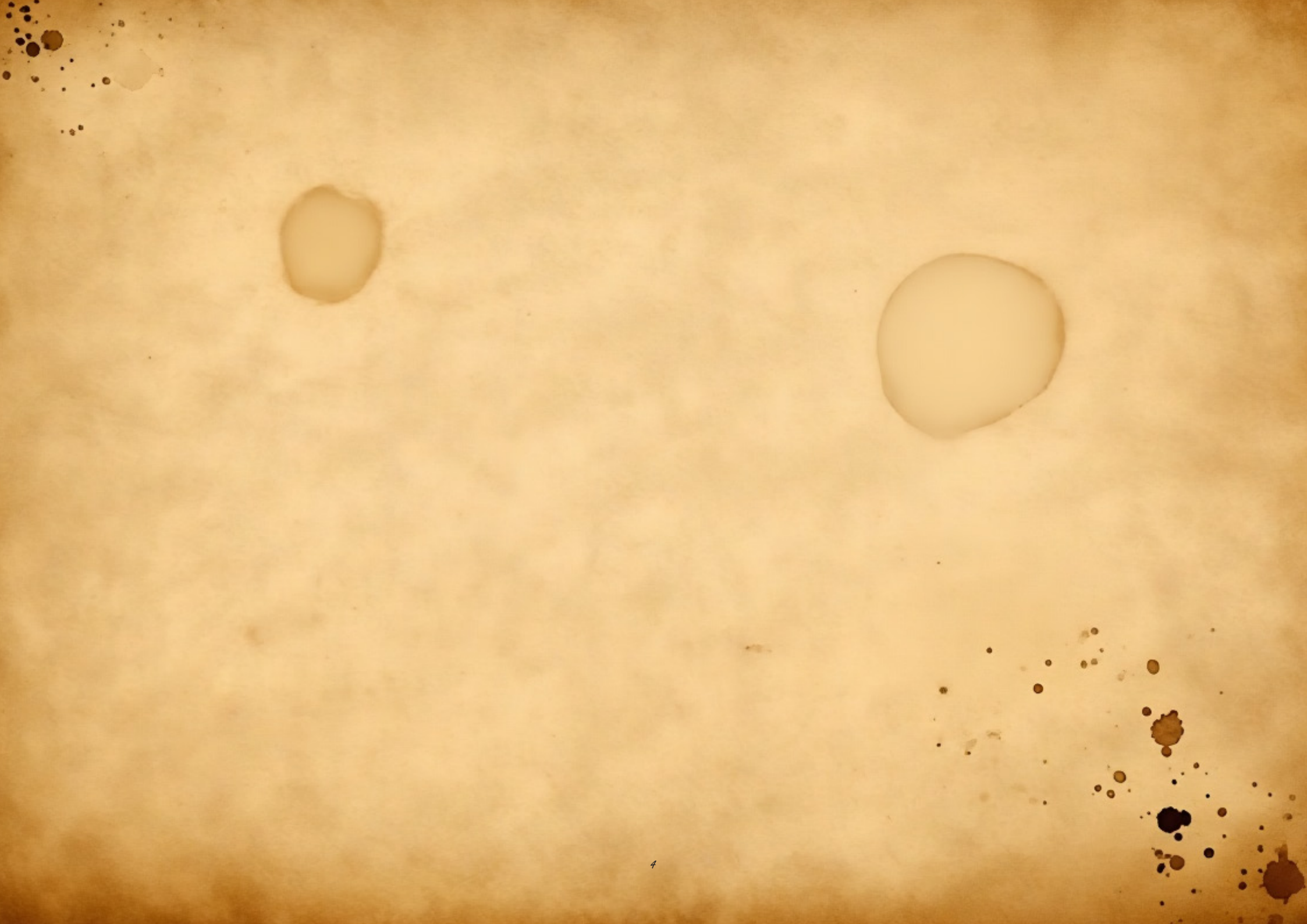


A ÚLTIMA TRAVESSIA

O DIÁRIO DE UMA EXPLORADORA



A ÚLTIMA TRAVESSIA



1 - A Entrada



Não há retorno, só descida.

A masmorra respira — um animal adormecido que aguarda o meu passo para despertar.

O ar é denso, quase líquido. As tochas crepitam em tons que não existem na superfície.

Quando o portão se fechou atrás de mim, o som ecoou por minutos, como se o próprio eco tentasse fugir.

Chamo-me Eira, e talvez seja a última do meu nome.

Escrevo para lembrar.

Escrevo para que, se a morte me tomar, alguém saiba que lutei com propósito.

Trouxe apenas o essencial:

a lâmina curta que pertenceu ao meu pai, uma túnica leve reforçada nas costuras, três poções, um mapa esbatido, e esta pena que me obriga a continuar a existir na página.

A Jóia do Eco.

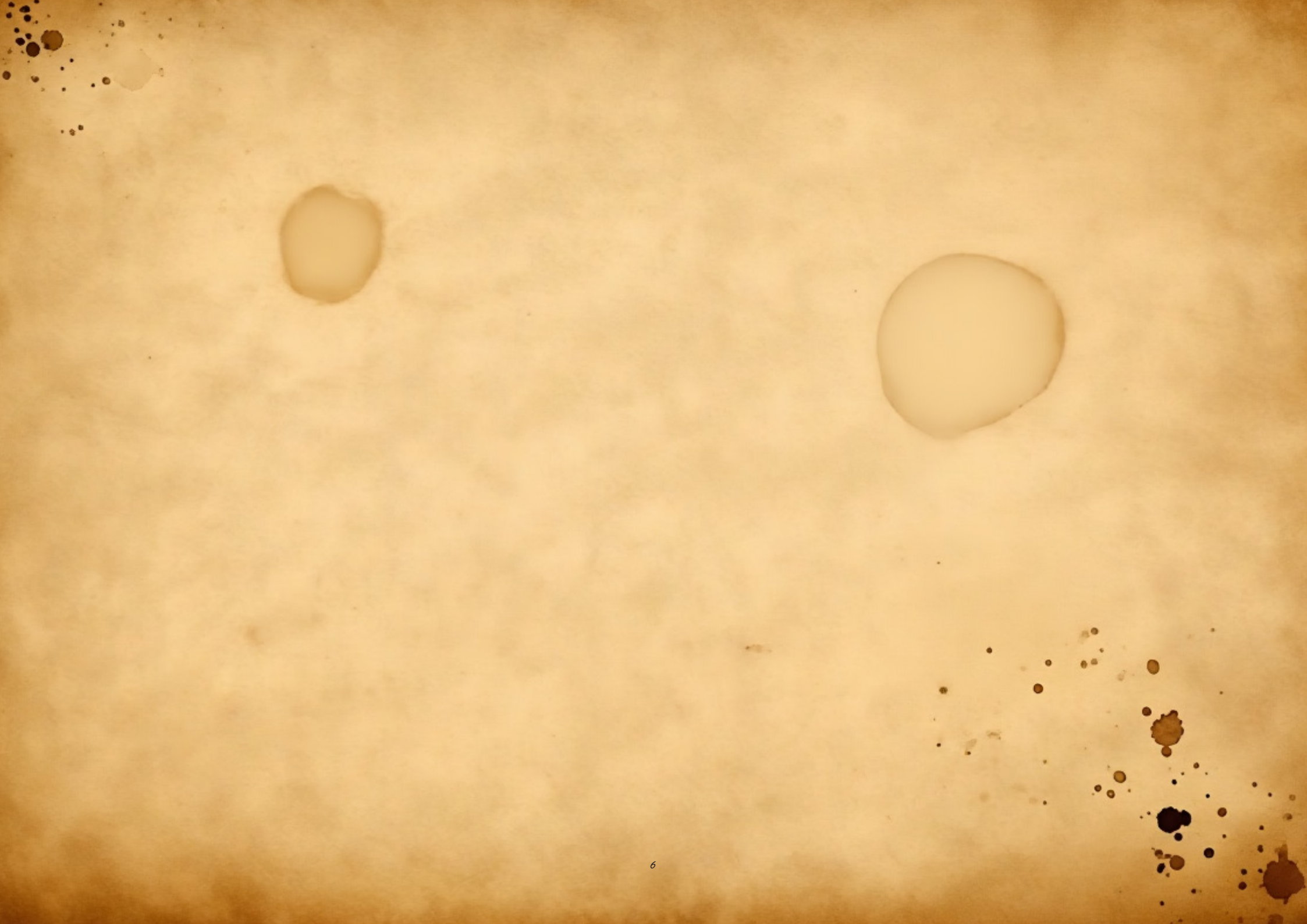
Dizem que repousa no coração da masmorra, guardada por um ser que conhece o nome de todos os que o desafiam.

Quero prová-lo falso.

Quero ser eu a quebrar o ciclo.

Dou o primeiro passo.

A luz das tochas diminui atrás de mim, e começo a descer — para o ventre do mundo.



II – O Labirinto Vivo



Cada corredor aqui é uma escolha.

Cada porta, um juízo.

As paredes não são estáticas; movem-se quando não olho, como se respirassem lentamente.

Às vezes ouço sussurros.

Outras, o tilintar de correntes que nunca chegam a ecoar duas vezes no mesmo lugar.

Primeira câmara: um salão de pedra negra, chão coberto de musgo que brilha como fogo-fátuo.

O silêncio é tão denso que o som do meu coração parece profanação.

Sinto que algo me observa — não com olhos, mas com intenção.

As sombras aqui têm vontade.

Segunda câmara: uma criatura rasteja entre os destroços.

Pele pálida, olhos vazios, ossos que se movem como lâminas sob a carne.

Um **Rastejante** — antigo guardião de entradas perdidas.

Aproximei-me devagar.

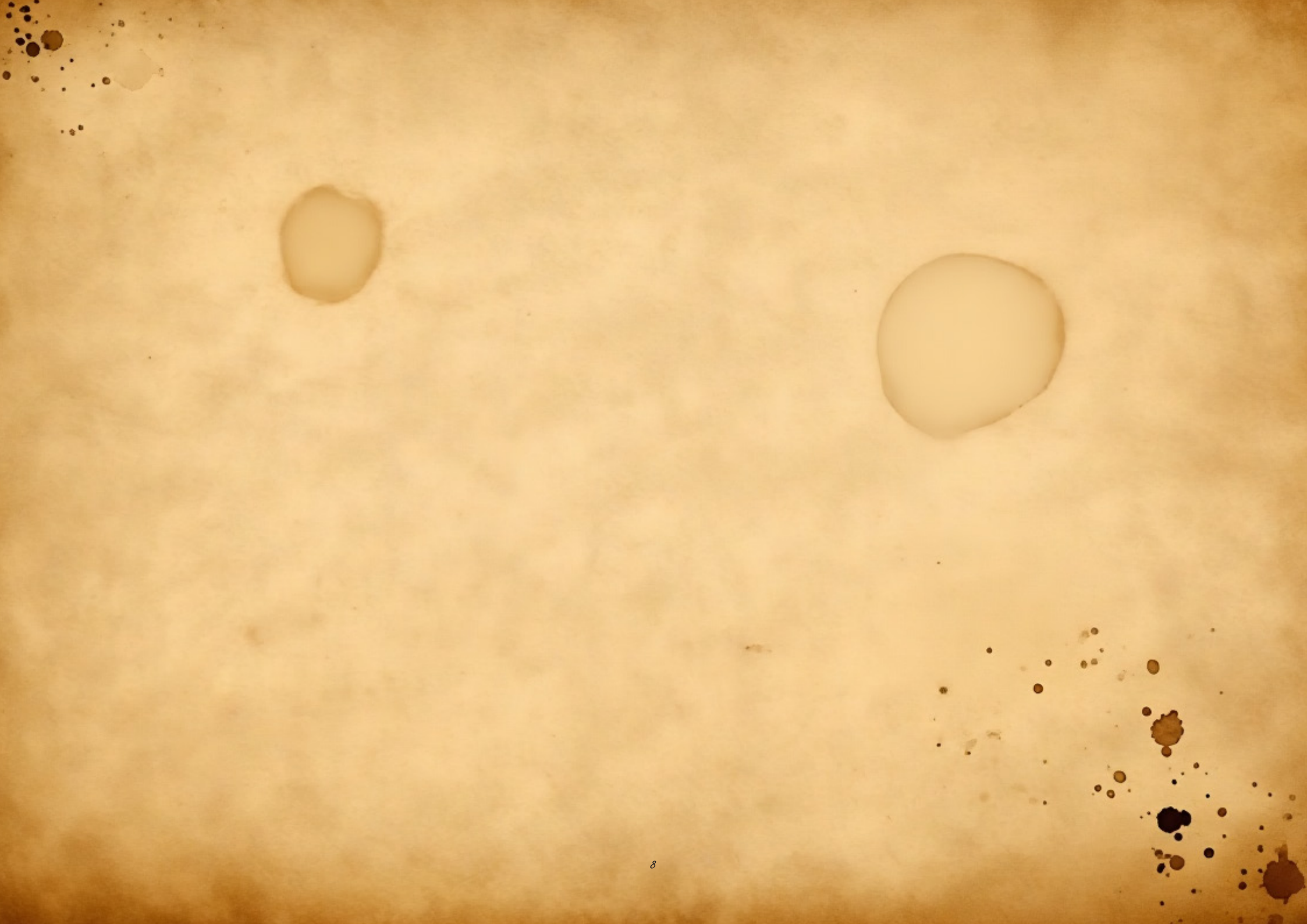
Quando saltou, cortei-lhe o tendão da perna com a lâmina.

Gritou, um som de metal a rasgar metal.

Acabou no chão, a desfazer-se em pó cinzento que cheira a ferro velho.

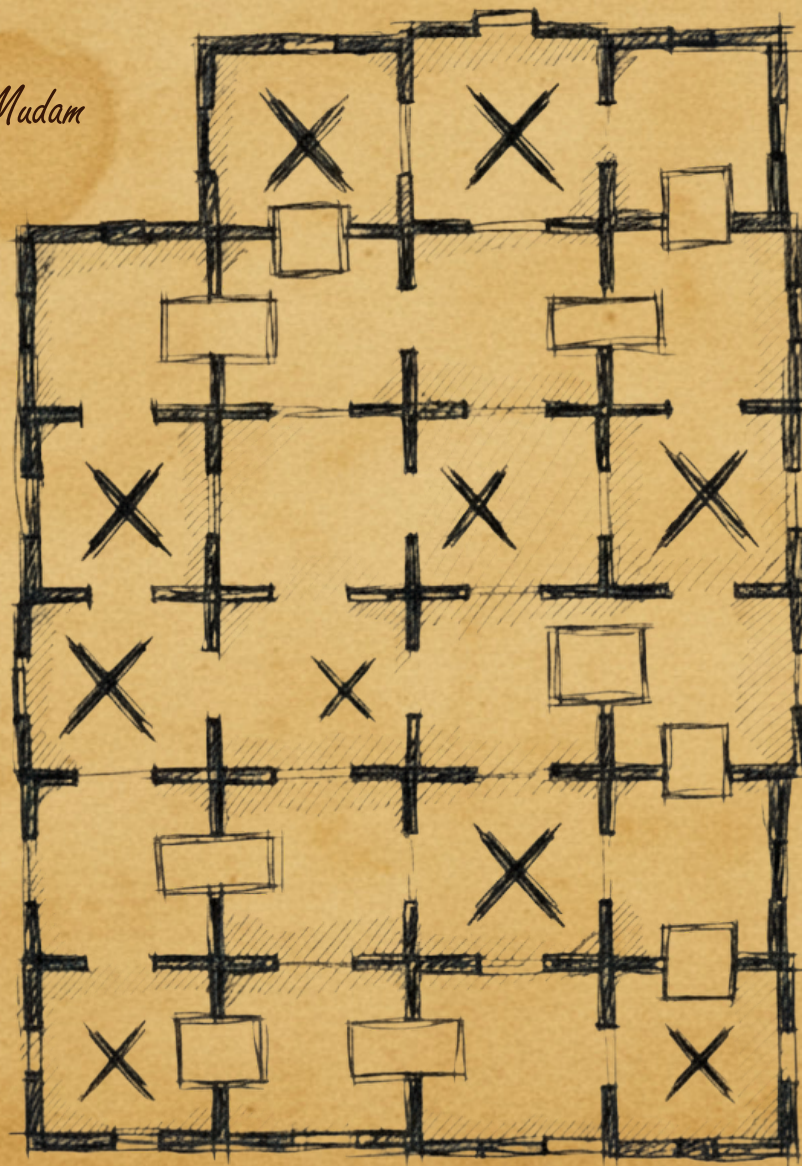
Guardei um fragmento — reluz à luz da tocha como se ainda contivesse alma.

Se eu cair, que isto prove que estive aqui.





III - As Salas que Mudam



O caminho prolonga-se por horas.

A luz das tochas vai morrendo; substituo-as por brasas arrancadas das paredes.

Não há constância.

O que ontem foi escadaria, hoje é abismo.

As pedras movem-se como peças de um jogo que não compreendo.

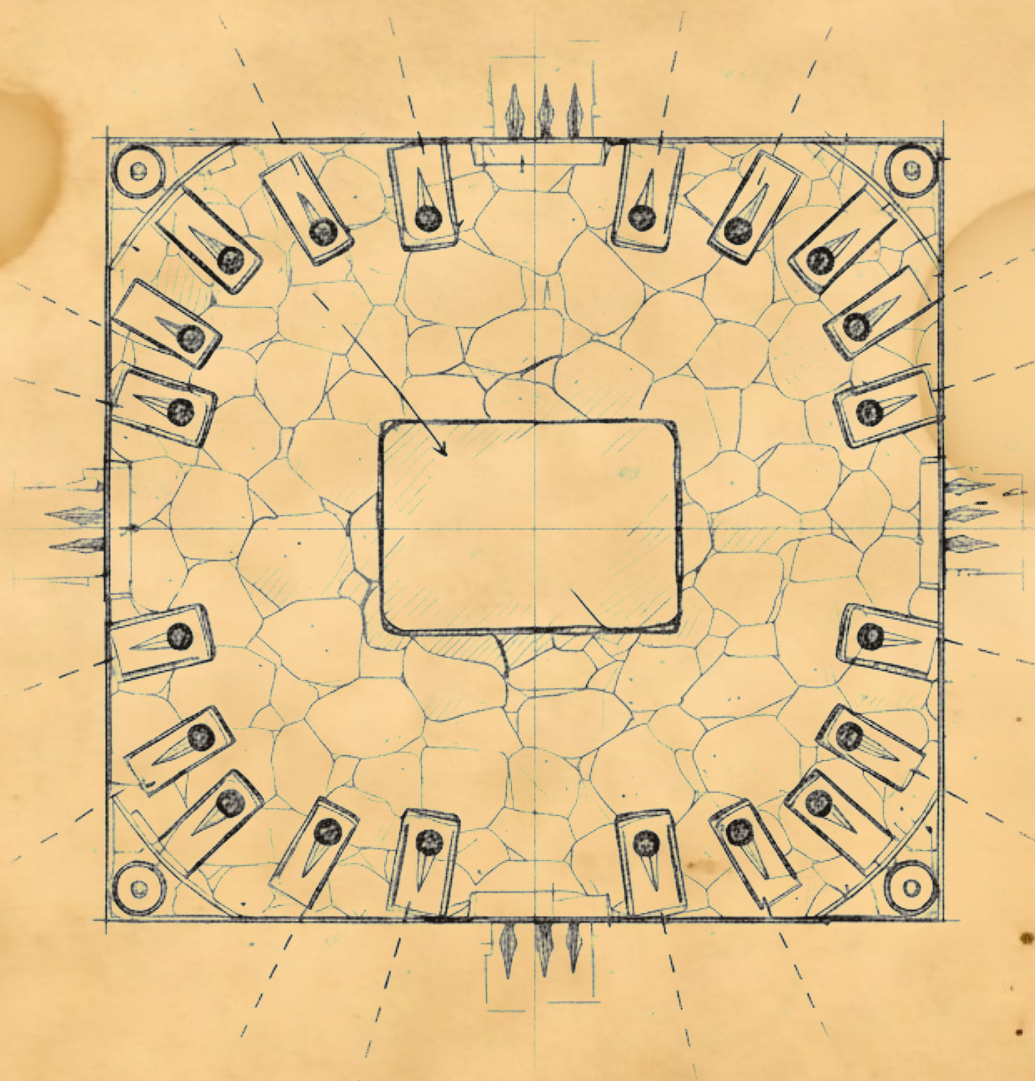
Sinto o peso do tempo — ou talvez a sua ausência.

Aqui em baixo, o dia e a noite são conceitos sem dono.

Há um som constante, longínquo, como um coração que bate sob o chão.

Talvez o da masmorra.

Talvez o meu.



IV - A Armadilha

A câmara seguinte parecia segura.

As paredes lisas, o chão limpo.

Demasiado limpo.

Avancei dois passos.

Ouvi um clique suave.

E a dor veio antes do som.

Espigões de ferro surgiram do chão como presas de um monstro invisível.

Atravessaram-me a perna esquerda e o ombro.

O sangue jorrou quente, o ar fugiu-me dos pulmões.

Caí.

O mundo reduziu-se ao brilho avermelhado do meu próprio sangue.

Lutei contra o pânico.

Com a mão trémula, alcancei o frasco pendurado ao cinto.

Uma das minhas poções — a mais fraca.

Abri-a com os dentes e despejei-a sobre a ferida.

O líquido ardeu como fogo líquido, mas a carne começou a fechar-se.

A dor tornou-se tolerável.

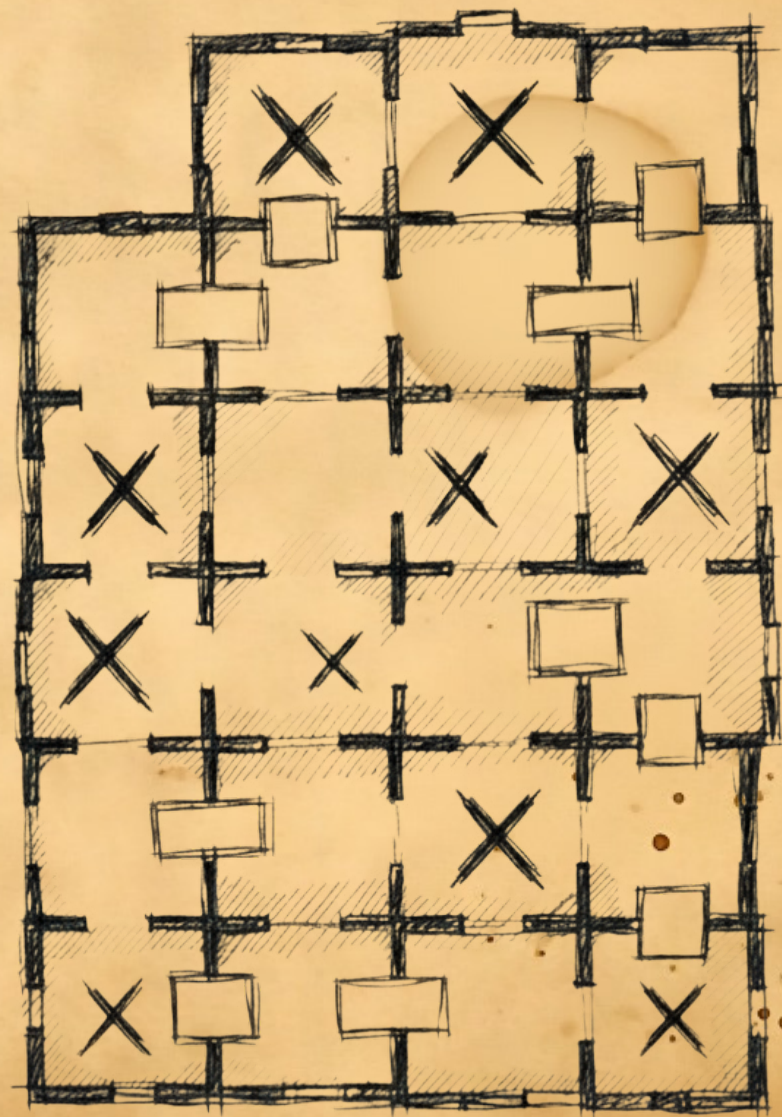
A perna — inutilizável.

Caminho agora mancando, mas viva.

Permaneci ali o tempo suficiente para compreender:

A masmorra ouvi-me.

As armadilhas não são aleatórias — são respostas.



V - Ecos de Passos

Continuei a andar.

Cada sala parece observar-me mais de perto.

As paredes respiram em uníssono, e as sombras movem-se com intenção.

Ouçó passos que não são meus, ecoando atrás, sempre à mesma distância.

Quando paro, eles também param.

Não olho para trás.

Se olhar, talvez lhes dê forma.



VI – A Câmara dos Símbolos

Encontrei uma sala diferente das outras — mais fria, mais organizada.

Quatro símbolos gravados no chão:

um círculo, um triângulo, uma estrela e uma cruz.

Na parede, uma inscrição antiga, escrita num idioma que reconheço apenas por intuição:

“O que começa e termina em si mesmo, guarda o caminho do tesouro.”

Pensei.

“Começa e termina em si mesmo.”

O círculo.

Toquei o símbolo com a ponta da lâmina.

O som que se seguiu foi profundo, metálico.

O chão tremeu, e a parede à frente deslizou lentamente, revelando uma câmara oculta.

No interior — uma arca de ferro.

Coberta por pó que parecia respiração antiga.

Abri-a.

Dentro, uma pequena pedra azul pulsava como um coração.

Toquei-a — o frio percorreu-me o braço, mas o cansaço recuou.

Guardei-a.

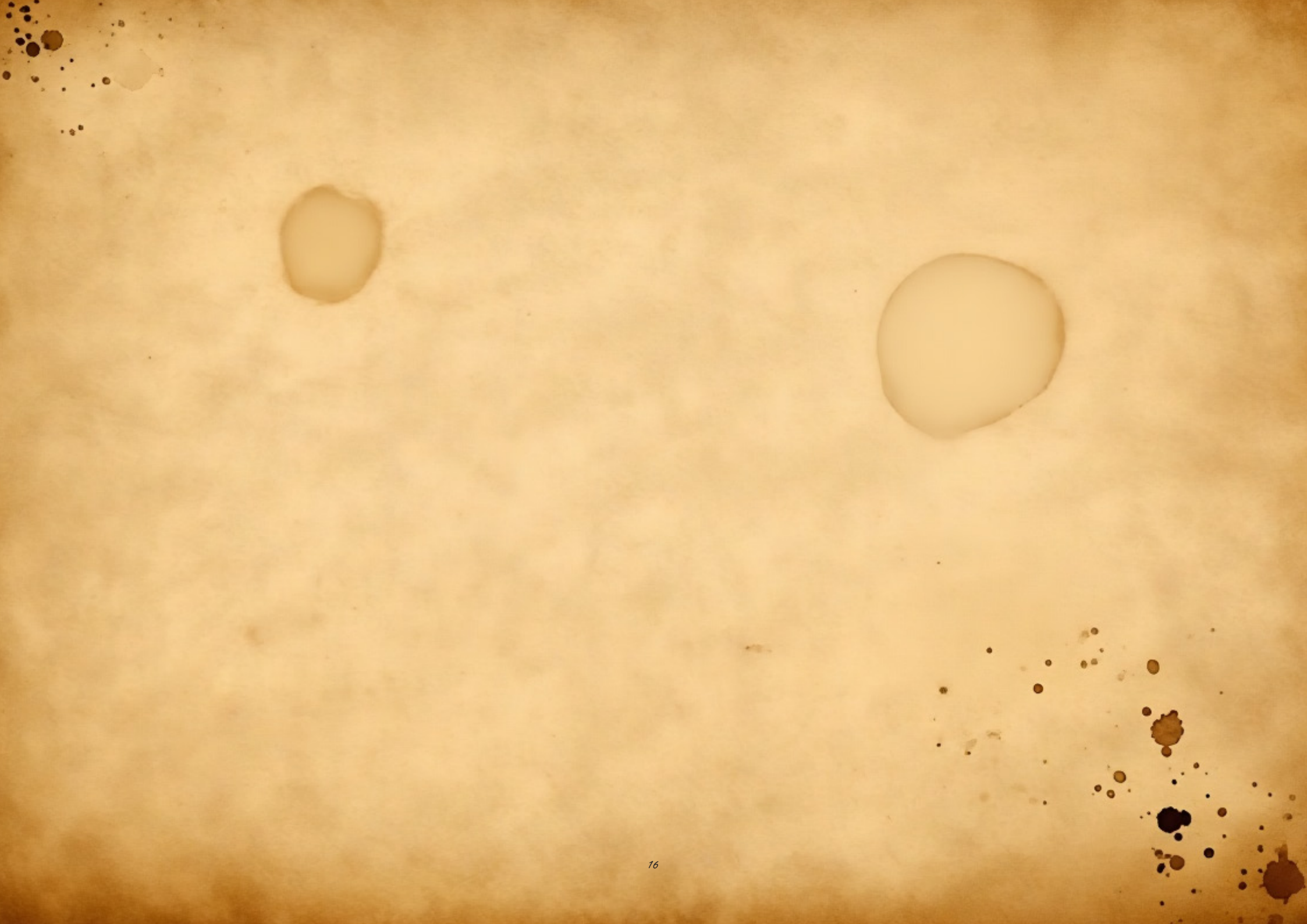
Talvez seja um fragmento da Jóia.

Ou apenas um engano piedoso.

A arca fechou-se sozinha, e as runas apagaram-se.

O puzzle desapareceu, como se nunca tivesse existido.

Este lugar não deixa rastros.



VIII – O Comerciante



O corredor seguinte cheirava a incenso e fumo de ervas.

Algo que não pertencia a este submundo.

Encontrei uma porta semicerrada e, por instinto, entrei.

Um vulto aguardava-me atrás de um balcão de pedra polida.

Rosto oculto por véus, mãos finas, ossudas.

À sua frente, objetos espalhados como relíquias de eras mortas: lâminas, pedras, frascos, pergaminhos.

“Bem-vinda, viajante.” — a voz era um eco antigo, sem emoção.

“De onde sabes que sou viajante?” — perguntei.

“Só os vivos fazem perguntas.”

Olhei os preços.

Tudo caro demais — ouro, sangue, ou alma.

Ofereci o fragmento de osso e as poucas moedas que restavam.

O vulto aceitou.

Em troca, colocou diante de mim um pequeno escudo de ferro gasto.

“Não te protegerá do inevitável,” murmurou.

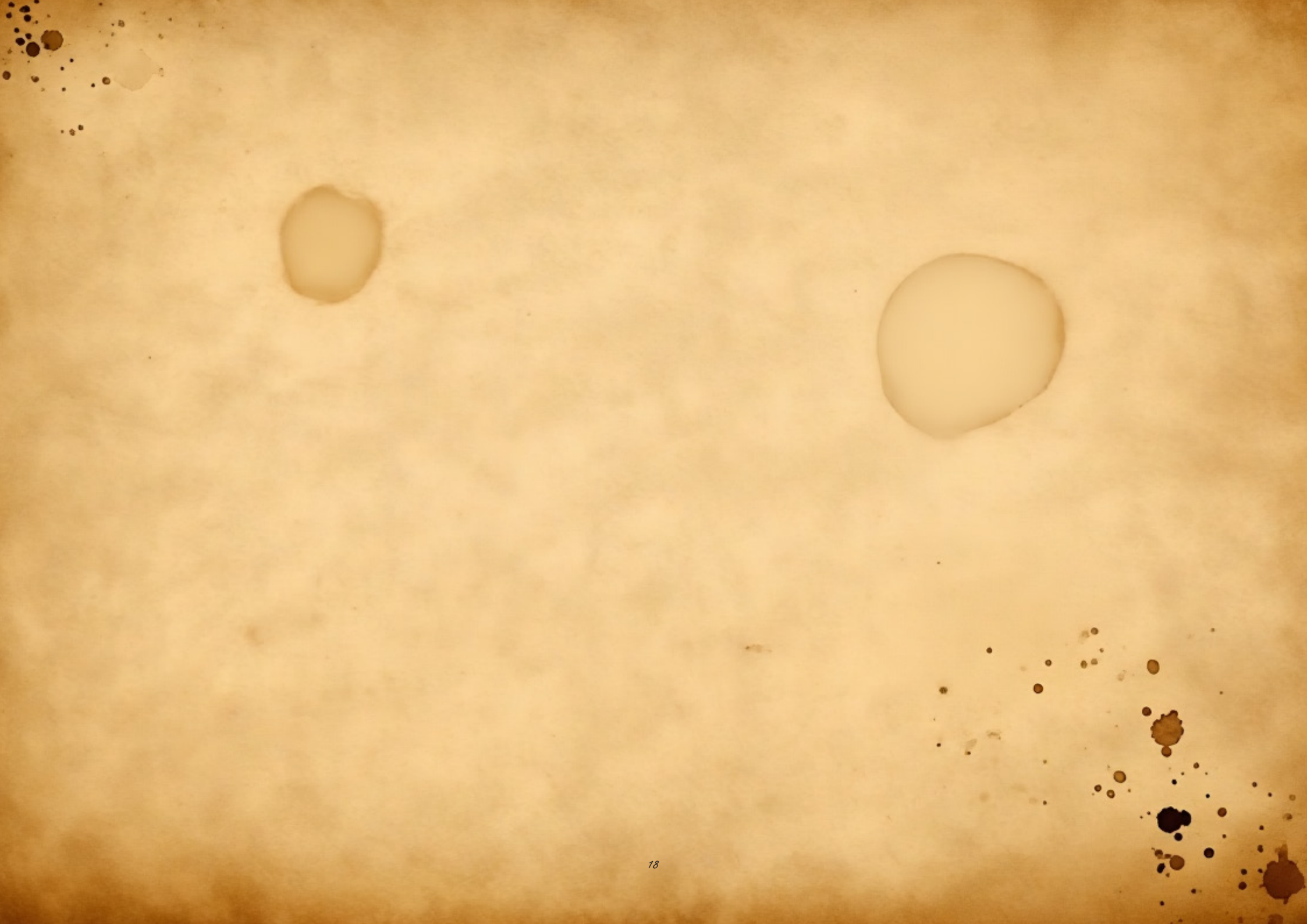
“Mas pode atrasá-lo.”

Peguei no escudo.

É leve, frágil — mas estranho conforto habita o toque.

Quando ergui o olhar, o comerciante já não estava lá.

A loja inteira desaparecera, como um sonho desfeito ao despertar.



VIII – As Vozes nas Paredes

O frio aumenta.

A respiração sai em névoa.

As pedras choram água escura, e cada gota soa como um compasso de despedida.

Ouçó vozes agora — baixas, familiares.

Chamam o meu nome.

Às vezes a voz da minha mãe, outras do meu irmão, morto há anos.

Todas dizem o mesmo:

“Volta.”

Mas não posso.

Há algo à frente.

Sinto a presença como uma montanha viva, um coração a pulsar no escuro.



IX – O Portão Dourado

O caminho estreita até se tornar um corredor de luz difusa.

As paredes emanam um brilho dourado, como se o metal estivesse vivo.

No fim, um portão colossal — talhado com runas que queimam o olhar.

No centro, o símbolo da Jóia.

Reconheço-o do mapa, das histórias, dos sonhos.

Aproximei-me.

O chão vibrou sob os meus pés, e uma energia percorreu o ar como trovão preso.

Encostei a mão à superfície do portão.

Estava quente — pulsava como pele.

Dei um passo atrás.

O portão abriu-se sem ruído, como se tivesse estado à espera.



X - O Guardião

Luz.

Uma luz impossível.

A sala além é imensa, sem teto visível, e o chão reflete como um lago imóvel.

No meio — algo se move.

Uma figura.

Humana, à primeira vista.

Mas à medida que se aproxima, vejo-me.

Sou eu.

Mesma face, mesmas cicatrizes, mesmo andar.

Mas o olhar... vazio.

Reflete, mas não sente.

“Quem és tu?” — pergunto.

A cópia sorri.

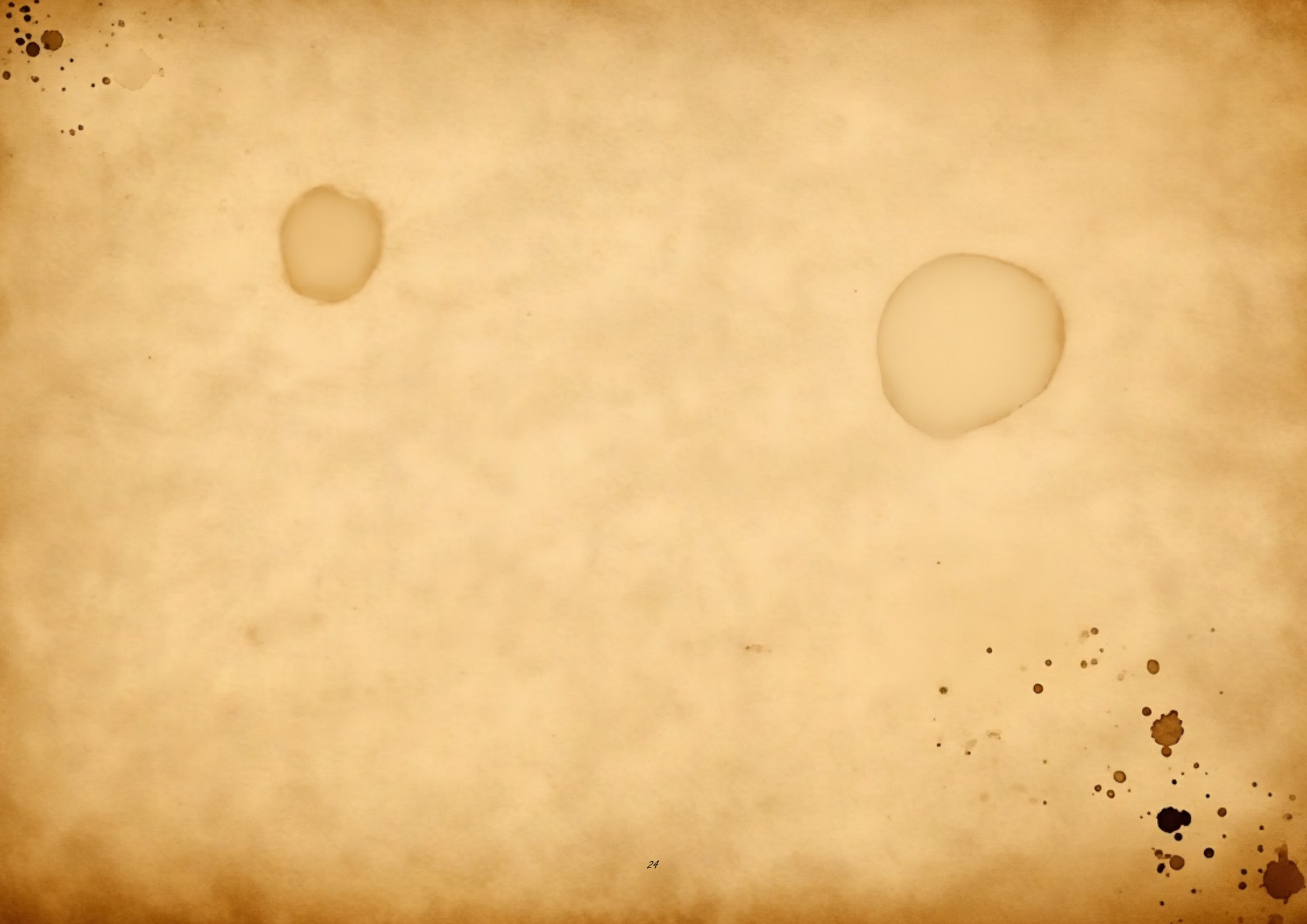
“A tua sombra. A lembrança que a masmorra guarda de cada alma que ousa atravessá-la.”

Sinto o terror subir como gelo pelas veias.

Ela levanta uma lâmina idêntica à minha.

O reflexo perfeito do meu gesto.

A luta começa.



XI - O Duelo



Avançamos uma contra a outra, duas vontades no mesmo corpo.

O choque das lâminas ressoa como trovão preso em metal.

Primeiro golpe — o meu.

Corto-lhe o ombro, mas não há sangue.

A ferida brilha, e fecha-se.

Ela contra-ataca.

O impacto atravessa o escudo, o braço inteiro vibra.

O ferro parte-se.

Tento recuar, mas o chão prende-me os pés como se tivesse vontade própria.

Ela move-se mais rápido, como se o próprio tempo lhe obedecesse.

Ataco de novo.

Nada.

Cada golpe é devolvido.

A respiração torna-se curta, os músculos queimam.

O frio apodera-se das mãos.

Sinto a força abandonar-me — e então percebo:

Ela não luta contra mim.

Luta para me substituir.

Para ocupar o espaço que deixarei ao cair.

Grito.

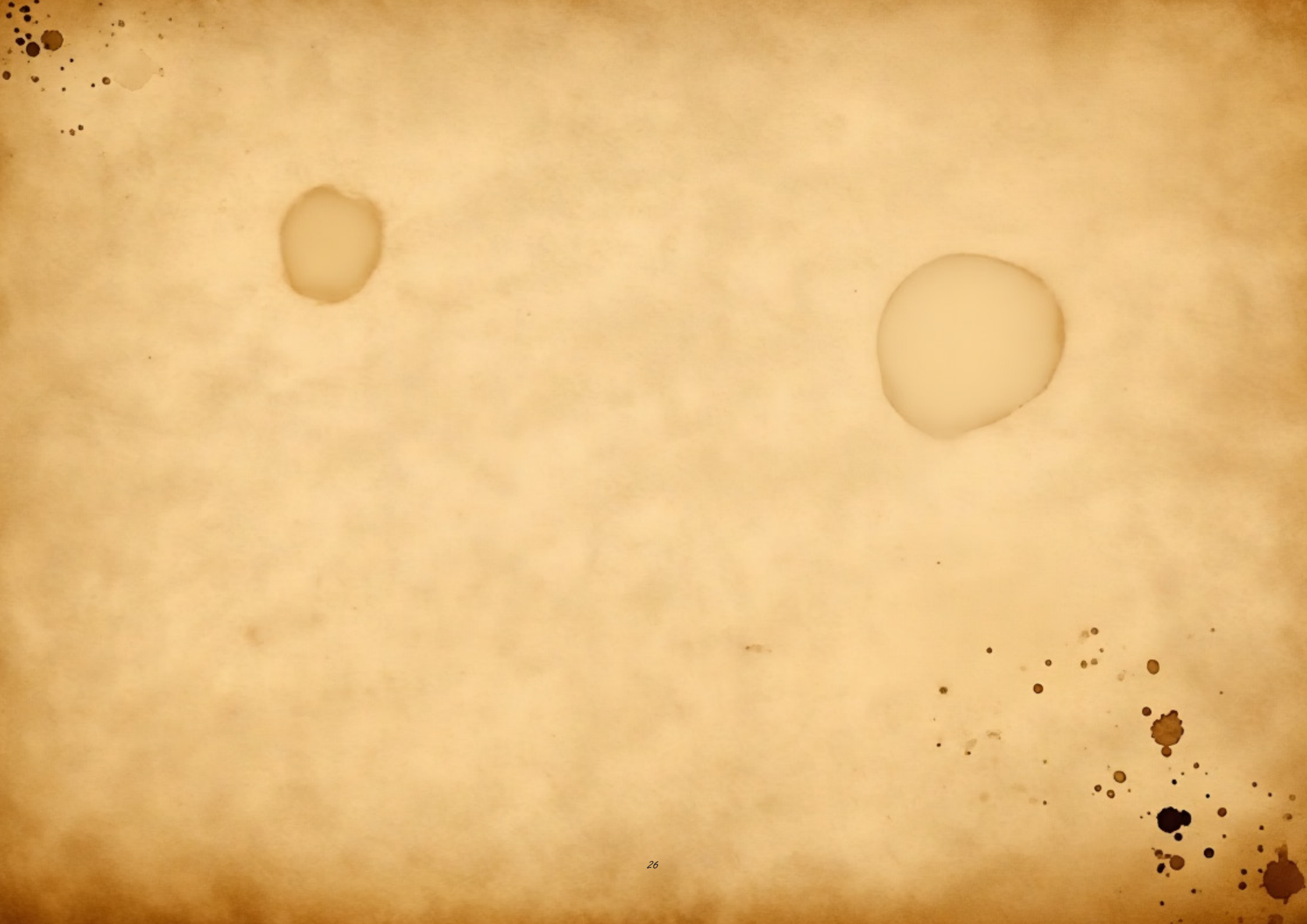
A lâmina acerta-lhe no peito.

A luz dentro dela vacila — e volta a crescer.

Invencível.

Ela ergue a arma.

O reflexo do metal cega-me por um instante.



XII - As Últimas Linhas

A dor.

O som do sangue a cair no chão.

O corpo a ceder.

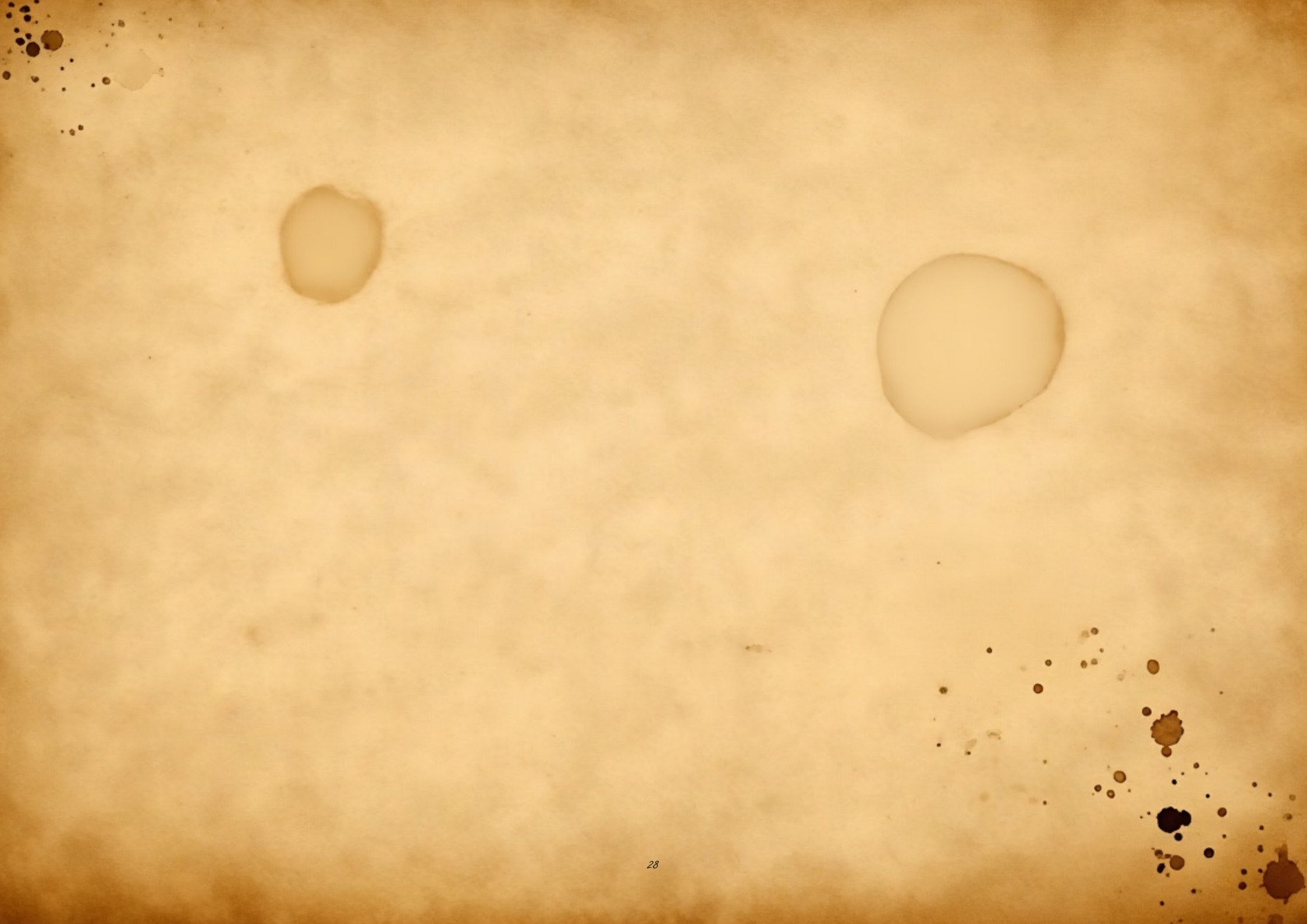
Sinto-me a afundar na luz.

O diário cai-me da mão, mas consigo escrever mais uma linha, tremida, arrastada.

Ele está a aproximar-se.

Não tenho mais forças.

(a tinta termina aqui)



XIII - Epílogo

(Nota posterior, escrita em tinta diferente.)

Encontrei este diário junto a um corpo sem rosto.

As páginas finais ainda estavam húmidas.

Ao longe, algo movia-se — uma sombra com o rosto dela.

Levo o diário comigo.

Se a Jóia do Eco existir, talvez me mostre o que ela viu.

Talvez o ciclo nunca acabe.

